

“É PRECISO DAR CORPO À HISTÓRIA, E DAR UMA HISTÓRIA AO CORPO”: BREVES REFLEXÕES SOBRE RAÇA E EUGENIA A PARTIR DO FILME “A VÊNUS NEGRA” (2010)

“IT IS NECESSARY TO GIVE BODY TO HISTORY, AND TO GIVE A HISTORY TO BODY”:
BRIEF REFLECTIONS ON RACE AND EUGENY FROM THE FILM “BLACK VENUS” (2010)

DANIELLA DE JESUS AGAPITO VALADARES

Graduada em Direito (2015) e graduanda em Economia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). cursou disciplina isolada no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Unimontes. (E-mail: daniagapito@hotmail.com).

LUCIANA ANTUNES NEVES MAIA

Mestre em Desenvolvimento Social (2019) e Bacharel em Direito (1996) pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). É ainda especialista em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). (E-mail: lucianamaia@hotmail.com).

MARIA CECÍLIA MAGALHÃES CHAVES

Mestranda em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Especialista em Direito Constitucional pelo Instituto Elpídio Donizette (IED) Graduada em Direito pela Faculdade de Direito Santo Agostinho (FADISA). (E-mail: ceciliacchaves@hotmail.com).

RESUMO

Este trabalho pretende verificar a relação entre o corpo e a política a partir do período moderno, com base no filme “A Vênus Negra”. O corpo é dessacralizado, estudado, dissecado e tornado objeto de estudo da ciência. Saartjie, personagem principal do filme, é vendida ao cientista Georges Curvier, que será responsável por introduzir a noção de raça vinculada à hereditariedade. Essas ideias serviriam de suporte para as teorias eugênicas. Fundada por Francis Galton, a eugenia se propõe a esclarecer os mecanismos de transmissão dos caracteres entre as gerações, além de preconizar um aperfeiçoamento social.

Palavras-chave: Raça; Eugenia; Hereditariedade.

ABSTRACT

This work intends to verify the relation between the body and the politics from the modern period, based on the film "The Black Venus". The body is deacralized, studied, dissected, and made the object of study of science. Saartjie, the main character of the film, is sold to scientist Georges Curvier, who will be responsible for introducing the notion of race tied to heredity. These ideas would support eugenic theories. Founded by Francis Galton, eugenics proposes to clarify the mechanisms of character transmission between the generations, in addition to recommending a social improvement.

Keywords: Race; Eugenics; Heredity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO; 1 A VÊNUS HOTENTOTE; 2 EUGENIA: PROJETO BIOLÓGICO PARA O HOMEM; CONCLUSÃO; REFERÊNCIAS.

INTRODUÇÃO

Durante a idade média, o corpo foi objeto de repúdio e condenação pela igreja; a partir do século XVII, no entanto, o referido passa a ter um novo papel social e histórico. O Renascimento possibilitou uma nova abordagem do homem, libertando-o das amarras da igreja.

A falta de estudos sobre o corpo faz parte de uma das grandes brechas da história, sendo um grande esquecimento do historiador (Le Goff, 2006). É preciso dar corpo à história, e dar uma história ao corpo, “pois [...] ele tem seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais e sua história sofreu modificações em todas as sociedades históricas” (LE GOFF, 2006, p. 10).

O homem passou a cultivar a si próprio. As leis sobre o funcionamento da sociedade agora eram ditadas pela razão; e questões como os sentimentos, as emoções, a sexualidade, que, durante a Idade Média eram tidos como ações pecaminosas, foram incorporados pela nova sociedade.

A modernidade se caracteriza pela competitividade e pelo individualismo. A manutenção da sociedade fica a cargo da burguesia, que manipulou o corpo a fim de gerar lucro e fortalecer o capitalismo. Nessa perspectiva, pretende-se estudar neste trabalho as percepções do corpo negro da Vênus Hotentote e suas representações durante os séculos XIX e XX.

1 A VÊNUS HOTENTOTE

A personagem principal do filme “A Vênus Negra” (2010) é Sarah “Saartjie” Baartman, nascida na África do Sul em 1789. O filme começa contando a história do final, quando a genitália da Vênus – guardada em um vidro – e seu molde em gesso são apresentados numa conferência científica em Paris, em 1815. Para os cientistas, aquele exemplar servia para estreitar as comparações entre homem e macaco, além de ratificar certa inferioridade sobre a raça negra.

Sara foi uma mulher pertencente à etnia *khoisan*, considerada a mais antiga estabelecida na região meridional da África. Em 1810, Sara deixa a África do Sul após ser vendida e é

levada para a Europa. Em Londres, ela foi denominada por Vênus Hotentote, passando a ser exibida numa jaula, acorrentada com o intuito de acentuar seu suposto caráter selvagem, diretamente relacionado, à época, à crença de uma sexualidade ameaçadora, cujo símbolo maior era uma espécie de “avental frontal” – ou “avental hotentote” – que denotava a hipertrofia de seus lábios vaginais, assim como a *esteatopigia*, o que lhe conferia um acúmulo de gordura nas nádegas.

Alguns contextos, como o apresentado no filme, viabilizam uma reflexão sobre o corpo como desígnio de aplicação de métodos de dominação, o que é desvelado na figura de Saartjie. A marginalização dos sujeitos é objeto de discussões pautadas em justificativas que se coadunam com os discursos científicos vigentes à época, os quais apresentaram as deficiências como catalisadoras de processos de sujeição.

Atribuindo-se ao corpo espaço precípuo de tudo aquilo que norteia o indivíduo, a humanidade dos sujeitos é renegada de modo a se desconstituir a identidade e tolher a incidência da subjetividade humana. As questões representadas concorrem para a o discurso de inferioridade da raça africana e de necessidade de marginalização e exclusão do diferente.

A representação de uma Vênus hipersexualizada e de um povo que se encontrava na base da hierarquia civilizatória é compatível com a visão europeia predominante até o século XVIII, classificando os povos de acordo com graus distintos de civilização, algo que muda significativamente no século XIX com a introdução do conceito de raça.

No alvorecer do século XVIII, uma série de transformações sociais inauguram um novo período, denominado de modernidade, que será marcado pela Reforma Protestante, pelo Iluminismo e pelas revoluções burguesas, com destaque para a Revolução Francesa.

Há inquietações visíveis quanto ao interior do corpo, o fluxo de informações entre as partes do corpo e entre o corpo e mundo, devendo, assim, ser estudado, dissecado e tornado objeto da ciência.

A ideia de ser humano desperto para o tato, a visão, a audição, o olfato, o sabor, o movimento, como um contato natural até então expropriado do ser, escapa da vigilância da Igreja. As cores, os sons e as formas rompem o estigmado corpo encarcerado pela motivação religiosa (CARMO JUNIOR, 2005, 68).

Saartjie é vendida ao cientista Georges Curvier, profissional renomado da época, dando um corpo à teoria racista. Após sua morte, seu corpo foi dissecado e exibido pelo Museu de História Natural de Paris até a década de 1980. Com esses estudos científicos, vários estereótipos são construídos com relação ao negro, como a hipersexualidade da mulher africana.

2 EUGENIA: PROJETO BIOLÓGICO PARA O HOMEM

Georges Cuvier (1769-1832) introduziu a noção de raça vinculada à hereditariedade de traços físicos comuns permanentes e diferentes entre os grupos humanos. No século XVIII, Georges Buffon acreditava em uma origem comum dos seres humanos e em que as diferenças seriam variações ambientais.

Conforme Lilia Ferreira Lobo (2008), em “Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil”, antes da teoria evolucionista de Darwin, os debates sobre a origem da humanidade eram centrados em torno do monogenismo (a humanidade teria uma única origem) e do poligenismo (pontos iniciais de criação diferentes) (2008, p.193).

Com os estudos de Darwin, atenua-se a discussão, sem que haja, contudo, a dissolução da hierarquia natural entre as raças. “Frente ao evolucionismo de Darwin, o poligenismo transfigurou-se sob o argumento de que as raças, apesar de origem única, separam-se em épocas remotas e, por seleção natural das contingências do meio, umas evoluíram, outras não” (LOBO, 2008, p.194).

Em 1859, Darwin publicou seu mais famoso livro, “A origem das espécies por meio da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela vida”, com os resultados obtidos a partir de sua pesquisa sobre a seleção natural, a sobrevivência e a luta pela vida entre animais.

A partir dessa obra nasceu o darwinismo, teoria que rompeu definitivamente com o criacionismo – crença na origem mítico-religiosa do homem – e gerou debates entre a comunidade científica de biólogos. Isso porque o evolucionismo não possuía aplicação técnica nem base empírica. Pouco se conhecia sobre a hereditariedade; e as leis da genética de Mendel

só viriam a público décadas mais tarde. O darwinismo desafia a ordem política ao afirmar que a ordem biológica e natural rege a vida.

Nesse sentido, a luta pela vida, na qual só os mais bem adaptados sobrevivem, a permanente competição e a conclusão de que os mais bem “equipados” biologicamente têm maiores chances de se perpetuar na natureza serão as premissas do darwinismo. Tais idéias encontrarão eco nas teorias econômicas e sociais que justificarão o comportamento humano em sociedade. Dessas aplicações essencialmente políticas surgirá o darwinismo social, que, dando voz aos argumentos de racistas e eugenistas, era consoante também com os princípios da burguesia industrial e deu a base científica, do ponto de vista econômico, para os objetivos de controle e permanência no poder. (DIWAN, 2007, p.30).

Higienistas e evolucionistas contribuíram para a biologização da sociedade de diversas formas. Os primeiros eram adeptos do lamarckismo: Jean-Baptiste Lamarck desenvolveu a lei dos caracteres adquiridos. Basicamente essa teoria prega que o meio ambiente e o comportamento têm a capacidade de influenciar os caracteres hereditários. Os evolucionistas eram mais científicos, apoiavam-se nas teorias mendeliana e weismaniana.

O monge Gregor Johan Mendel é hoje conhecido como o “pai da genética” por ter sido o primeiro a demonstrar as leis da hereditariedade. Através da observação dos cruzamentos de ervilhas, ele concluiu que as combinações dos caracteres das partes cruzadas eram imutáveis, podendo ser dominantes ou recessivas, dependendo da combinação dos pares. O mendelismo só foi conhecido em 1900 com a popularização das pesquisas efetuadas por Mendel, que influenciarão decisivamente os darwinistas sociais. As idéias de August Weismann complementam aquelas de Mendel, além de reforçarem as idéias de Darwin. De acordo a teoria de Weismann, o plasma germinativo, hoje conhecido como gametas, é responsável pela transmissão dos caracteres ancestral e imutável pelo meio ambiente. (DIWAN, 2007, p.31).

O darwinismo social se apropriará dessas idéias para reconhecer seus desejos de controle ideológico. A solução para os problemas sociais estaria no aperfeiçoamento do indivíduo com base na seleção e na concorrência. De acordo com o trabalho de André Béjin, o evolucionismo passou por três fases distintas ao longo de sua história:

A primeira delas, entre 1855 e 1885, foi caracterizada por um evolucionismo liberal e depois socialista de fundo teórico. A segunda fase compreende o período entre 1884 e 1904 e se destaca por um diferente tipo de darwinismo social por meio do qual florescerão o

racismo e a eugenia, oportunidade em que o colonialismo europeu se assentará. Finalmente, na sua última fase, entre 1905 e 1935, o evolucionismo irá aplicar as teorias desenvolvidas na fase anterior, ou seja, instituições e governos vão “colher os frutos” do aperfeiçoamento humano em métodos compulsórios e totalitários. (DIWAN, 2007, p.31-32).

Francis Galton (1822-1911), na Inglaterra, sob influência da leitura do livro “A origem das espécies” (1859) de autoria de seu primo, Charles Darwin, desenvolve a ciência da eugenia.

Galton propôs a procriação consciente através da união entre indivíduos “bem dotados biologicamente” como forma de aperfeiçoamento social. A idéia de que a família e a sociedade podiam ser cultivadas como um jardim, do qual “ervas daninhas” deviam ser eliminadas em benefício de “plantas úteis”. (TORRES,2008).

Na obra *Inquires into Human Faculty and its Development* (1883), Galton reúne uma série de análises sociológicas e material antropológico, além disso, funda a pesquisa antropométrica e cria diversos instrumentos de medição do físico humano, como os testes de inteligência, conhecidos atualmente como testes de QI, conforme Pietra Diwan (2007, p. 41-42).

Os defensores da eugenia encontraram apoio em teorias raciais de meados do século XIX, afirmando a superioridade biológica da raça branca. Negros e amarelos eram considerados inferiores e a miscigenação era criticada, uma vez que resultaria em supostos danos irreversíveis na descendência. Sendo que, “quanto mais mestiço, mais degradado, descaracterizado, débil, sujeito a toda sorte de doenças”. (LOBO, 2008, p.199).

Com a propagação de ideias eugênicas, surgem na Europa e nos Estados Unidos institutos que visam, por meio de extensa pesquisa de campo, detectar traços hereditários inferiores na população. Profissionais treinados coletam dados em áreas rurais e urbanas, utilizando instrumentos de medição e documentando.

É importante salientar que os Estados Unidos foram pioneiros na organização de comitês e sociedades eugênicas. Um enorme aparato eugênico foi criado.

Entre 1905 e a década de 1920, instituições não pararam de se multiplicar em todo o país. A principal delas, o Escritório de Registros Eugênicos (ERO), dirigido pelo geneticista Charles Davenport e pelo superintendente Harry L. Laughlin, deu força também ao movimento internacional. O ERO foi o coração, senão o cérebro [sic] do eugenismo

estadunidense durante três décadas, tendo sido fundado em 1910, com o financiamento de Marry Harriman, esposa do magnata do aço Andrew Carnegie de Washington. Uma estação de estudos experimentais sobre a evolução havia sido criada em Cold Spring Harbour para o estabelecimento exclusivo do ERO. Apesar de sua importância e autonomia, a instituição estava subordinada ao Comitê de Eugenia da Associação Americana de Reprodução, e Davenport dirigiu-a até 1934. Para divulgar suas ideias, o ERO publicou o boletim *Eugenical News*, que regularmente tornava públicas todas as suas atividades para a comunidade internacional. (DIWAN, 2007, p.56).

Assim, embora haja uma associação recorrente entre eugenia e nazismo pelas pessoas, essa relação não é correta. Diversos países de caráter democrático implantaram as ideias eugênicas, como Estados Unidos, Suécia, México, Argentina... A experiência nazista, no entanto, serviu de exemplo para a sociedade contemporânea conhecer em dimensões inefáveis o significado de crime contra a humanidade.

As concepções sobre hereditariedade e evolução mudam na década de 1950 e a eugenia cairá num sono profundo, tornando-se sinônimo de extremismo e obscurantismo.

As instituições que perduraram mudaram seus nomes e muitas delas estão em funcionamento até os dias atuais. O final da década de 1980 e o princípio da década de 1990 fizeram emergir um novo tipo de eugenia, o neo-eugenismo, baseado nas pesquisas em defesa da reprodução assistida e da fertilização *in vitro*. (DIWAN, 2007, p.63).

A burguesia apoiada na biologia e nas teorias sobre hereditariedade visa consolidar o poder econômico recém-conquistado, reabilitando o direito de sangue – não mais em seu caráter religioso, mas do ponto de vista científico. A eugenia chegou ao poder e é usada como arma política de discriminação social e limpeza étnica.

CONCLUSÃO

Esse artigo tem como fonte a obra cinematográfica “A Vênus negra” (2010), filme francês dirigido por Abdellatif Kechiche, com duração de 166 minutos. Fruto da produção de uma sociedade, o cinema tem se tornando um objeto de análise autêntico para estudo. “A ‘leitura cinematográfica da história’ vem se tornando cada vez mais popular. É comum

encontrarmos ‘a expressão Nova história cultural, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural’” (PESAVENTO, 2005, p.14 *apud* LIMA, 2009, p.2). Assim, os filmes podem ser uma importante peça nas transformações culturais, políticas e econômicas da vida moderna.

Saartjie, ao ser vendida ao cientista Georges Curvier, dá um corpo à teoria racista, estreitando as comparações entre homem e macaco. Após sua morte, seu corpo é dissecado e exibido pelo Museu de História Natural de Paris até a década de 1980. Com esses estudos científicos, vários estereótipos são construídos quanto ao negro.

O corpo, decididamente, é dessacralizado, estudado, dissecado e tornado objeto de estudo da ciência durante a modernidade. Com a valorização do corpo, começa a surgir a instituição dos casamentos e uma preocupação de ordem demográfica e cria-se uma compreensão entre o corpo e a sexualidade.

Em meio a esse contexto histórico, Galton propôs a procriação consciente por meio da união entre indivíduos “bem dotados biologicamente” como forma de aperfeiçoamento social. A família e a sociedade podiam ser cultivadas como um jardim, eliminando-se as “ervas daninhas”.

A eugenia encontra suporte nas teorias raciais de meados do século XIX, os brancos europeus representavam a superioridade biológica, enquanto negros e amarelos eram considerados inferiores e a miscigenação era criticada por causar supostos danos irreversíveis na descendência.

Com a propagação das ideias eugênicas, surgem na Europa e nos Estados Unidos institutos cujo objetivo é detectar traços hereditários inferiores na população e coletar dados nas áreas rurais e urbanas, em asilos, prisões e hospitais psiquiátricos.

Embora haja uma associação recorrente entre eugenia e nazismo pelas pessoas, essa relação não é correta. “Muito antes da ascensão do nazismo, a eugenia foi legalizada em países de tradição democrática. A primeira lei de esterilização, por exemplo, foi implantada nos Estados Unidos, em 1907.” (DIWAN, 2007, p.47).

A experiência nazista serve de exemplo para a sociedade contemporânea, passando a vincular a eugenia ao extremismo e ao obscurantismo, no período pós-guerra. A eugenia se

torna um tema tabu e seus militantes se voltam para os estudos de população e genética, reorientando o debate em torno da biologia humana.

REFERÊNCIAS

CARMO JÚNIOR, Wilson do. **Dimensões filosóficas da educação física**. Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Tenha Modos! Manuais de Civilidade e Etiqueta na Escola Normal. (1920-1960). In: Comunicação Coordenada: De cor e salteado para ver e viver: lições em manuais do século XIX e XX. **VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. Uberlândia/MG. 17-20 de Abril de 2006. Disponível em < <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/29MariaTeresaSantosCunha.pdf> > Acesso: 18/12/2016.

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: uma história de eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

FERRAZ, Ana. **As vênus negras**. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/cultura/as-venus-negras-5562.html> >. Acesso em: 06/01/2017, às 13h03.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 28. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.

GUSMÃO, João Lucas Fagundes Versiani. Corpo e Raça durante o século XIX no filme “A Vênus Negra”(2010). In: **XIX Encontro Regional de História**, 2014, Juiz de Fora. Anpuh. Juiz de Fora: UFJF, 2014. Disponível em: < http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401455894_ARQUIVO_CorpoEAcaduranteoseculoXIXnofilmeAVenusNegra-2010.pdf >. Acesso em: 06/01/2017, às 13h03.

KECHICHE, Abdellatif. *A Vênus Negra*. [Filme-DVD]. Produção de Charles Gillibert, Marin Karmitz, Nathanaël Karmitz. Direção Abdellatif Kechiche. Paris. 2010. 166 minutos.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **História do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. Quando o historiador deixa de assistir e começa a analisar: Reflexões sobre a relação história e cinema. *In: XIII Encontro Estadual de História*. Guarabira. 2009.

LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

TORRES, Lilian de Lucca. **Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário "Homo sapiens 1900" de Peter Cohen**. Disponível em: < <https://pontourbe.revues.org/1914#quotation> >. Acesso em: 08/01/2017, às 14h00.

TRINDADE, Rafael. **FOUCAULT-CORPOS DÓCEIS**. Disponível em: < <https://razaoinadequada.com/2014/01/13/foucault-corpos-doceis/> >. Acesso em: 27/12/2016, às 16h03.

Recebido em: 18/01/2019 / Aprovado em: 21/03/2019